

## ↓ Cartas

### Decepção no 1º voto

No último dia 5 de outubro cumprimos nosso dever de cidadão, mas, na primeira eleição em que votamos, já ficamos completamente decepcionados e vimos que nosso voto não vale tanto quanto a Justiça Eleitoral diz valer. Creemos que não fomos os únicos decepcionados, pois nossos candidatos que tiveram 2179 e 1722 votos, não foram eleitos por questões partidárias.

Nessa eleição, o povo viu que as alianças partidárias valem mais do que o próprio voto da população. De um lado, o povo elegeria vereadores com um número expressivo de votos, mas as alianças partidárias elegeram vereadores com menos da metade dos votos feitos pelo 2º e 8º mais votados. Nas propagandas nos meios de comunicação, o TRE afirmava: "seu voto pode ser decisivo". Porém, isso não foi comprovado nas urnas.

Esperamos que daqui a quatro anos, o povo pense nas eleições deste ano e reflita antes de votar: se o povo quer as alianças partidárias na Câmara, ou vereadores com um número alto de votos, independente de partido e aliança. Acreditamos, ainda, que a lei que define os vereadores de um município deveria ser modificada: os mais votados devem ser eleitos pela confiança dos eleitores. De qualquer forma, mesmo não estando na Câmara, o povo que votou nesses dois candidatos estará ao lado deles.

Gérson Elias Müller e Jacó Nicolau Frantz/  
Estudantes do 3º ano do Cema

### Sacrifício de animais

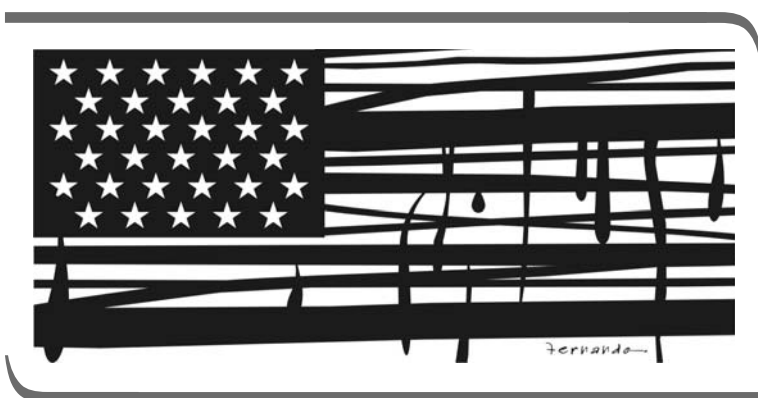
No dia 10 de outubro, um bacharel em direito, Pedro Cardoso da Costa, escreveu dizendo que é necessário o extermínio de animais doentes. É muito mais fácil, cômodo, matar do que cuidar, ter responsabilidade e se comprometer a ajudar, não é? Sei que é uma batalha convencer as pessoas a respeitarem vidas, sejam elas humanas ou não. Um de meus cães era de rua, encontramos atropelado e mesmo sem dinheiro, mas com muita teimosia e vontade de fazer algo, conseguimos ajuda. Me sinto muito bem em ter ajudado, e com certeza, exterminar não deve trazer uma sensação agradável. Mas o que mais me assusta, é o senhor bacharel, ao invés de exigir ações de controle e proteção aos animais, fazer um discurso de violência, intolerância e extermínio aos indesejáveis. E sempre é bom pensar: quem é tão intolerante com animais indefesos, logo defende idéias dos indesejáveis humanos pobres, doentes, idosos, com deficiência.

Vânia Fernanda da Rosa/Professora de História

## A raiz da crise

Nos Estados Unidos, o crescimento explosivo do governo federal iniciou-se sob o comando de Roosevelt, resultando em uma tendência de intervenção estatal que se estende até hoje. O economista Murray Rothbard, da Escola Austríaca, mostrou que a Grande Depressão foi não só criada, mas também prolongada pelas tentativas do Estado de evitar uma retração econômica. A verdadeira causa da crise foi o excesso de intervenção do Estado na economia, e não a sua falta, como é defendido pela maioria. A ação do governo com o objetivo de evitar uma recessão apenas adiou e intensificou as suas conseqüências.

A atual crise é a resposta do mercado aos problemas criados pelo próprio governo dos Estados Unidos. No relativamente distante ano de 1977, o governo federal norte-americano criou o Decreto de Re-investimento Comunitário, que promoveu uma



onda de "boas ações", forçando os bancos a conceder crédito a quem não tinha como pagá-lo. Agora, veio à tona a necessidade de o mercado fazer os ajustes necessários para tentar restabelecer a ordem e aliviar as conseqüências das intromissões artificiais do Estado. A solução, mais uma vez, não são as medidas de ajuda do governo, que despertaram uma maciça oposição do contribuinte norte-americano, e sim mais liberdade de ação para que

o mercado possa ajustar-se.

A face maléfica atribuída por muitos ao capitalismo, na verdade, pertence à associação entre governo e corporações que dele procuram se beneficiar. Essa união perigosa distorce o funcionamento do mercado em favor de poucos grupos privilegiados. Em uma economia regida pelo mercado, os eficientes sobrevivem, enquanto a ineficiência é eliminada. Quem ganha com isso é sempre o consumidor.

Uma pesquisa de opinião em um grande portal de internet brasileiro revelou que, quando se trata do seu dinheiro, o cidadão brasileiro também não está disposto a gastar para socorrer bancos em apuros. E quando o assunto é intervenção do Estado, é sempre o dinheiro de quem paga impostos que está em jogo. (Ou o governo tem outra fonte de renda além dessa?).

Talvez a opinião pública sobre tudo que se refere ao Estado possa ser sempre essa se as questões forem colocadas em debate de maneira mais clara. Se o cidadão for lembrado de que toda ação do governo é financiada pelo seu dinheiro. Talvez dessa maneira o contribuinte pare e pense na legitimidade da intromissão governamental às suas custas ao invés de simplesmente aceitá-la.

Elisa Lucena Martins/Estudante de Ciências Econômicas (UFSM)

## Mulheres, acordem!

Quando amanheceu o dia 5 de outubro, dia das eleições municipais, o telefone tocou às 4h59 da manhã. Era minha filha mais velha chamando para ir buscá-la, pois a festa de fim-de-semana já havia acabado. E eu, mulher, apesar de não ter dormido direito à noite (minhas amigas que me perdoem!) levantei, tirei o carro da garagem, atravessei a cidade e fui apanhá-la.

De volta, tomei um banho e esperei, acordada, de bandeira na mão, pois às 6h30 já havia reunião marcada com minha candidata a vereadora, também mulher. Combinamos que estaria ao seu lado no dia da eleição. Reunião encerrada. E um tempinho para o café.

Chegamos na única padaria aberta naquele dia e naquela hora. E quem estava lá? Mulheres! Uma no caixa e três no balcão. Mulheres... Trabalhando... Suando... Ganhando o seu pão em pleno domingo, antes das 7 horas da manhã, enquanto muitos dormiam!

Do lado de cá do balcão, seis mulheres esperavam para serem atendidas... Decididas, engajadas, corajosas, eleitoras,

Mulheres, o que houve com vocês que continuaram dormindo no dia das eleições e repetiram o resultado da eleição de 2004, em que não houve representação feminina na Câmara Municipal?

acordadas!

Passaram-se alguns minutos e chegou à padaria mais uma mulher. Agora era a minha candidata a prefeita, que no final do dia seria declarada prefeita eleita de Santa Cruz do Sul para os próximos quatro anos. Uma mulher serena, carismática, guerreira, simples, mas com objetivos definidos.

Saindo dali, não paramos o dia inteiro. Quando cheguei para votar na Escola Goiás, lá estavam elas: mulheres mesárias, fiscais, candidatas, eleitoras.

E foi assim também na Escola Santa Cruz, onde minha candidata vota. Já na entrada, encontramos uma mulher especial... Devia ter aproximadamente 90 anos. Andava com dificuldades, com auxílio de muletas, mas

mesmo assim cumpriu o seu dever. Uma mulher idosa, experiente, consciente, cidadã! Logo atrás, a diretora da escola, também mulher, cumprindo o seu dever... E assim foi o dia todo, em todo canto, em toda rua, em todo bairro, na cidade inteira, mulheres, mulheres e mais mulheres! Mulheres simples, arrumadas, donas-de-casa, trabalhadoras, mães, solteiras, irmãs, avós, corajosas, acompanhadas, sozinhas, donas de si, dependentes, batalhadoras, estudantes, jovens, adultas e na melhor idade.

Em Santa Cruz do Sul, nós mulheres somos a maioria. Então como explicar que nenhuma mulher tenha chegado à Câmara de Vereadores, numa cidade onde em torno de 52% dos eleitores são

mulheres?

Mulheres, o que houve com vocês que continuaram dormindo no dia das eleições e repetiram o resultado da eleição de 2004, em que não houve representação feminina na Câmara Municipal? Por que não se deixaram levar pelo apelo de uma das 38 candidatas a uma vaga no Legislativo, que em algum momento de sua campanha pediam para colocarem uma voz feminina na Câmara?

As 38 candidatas totalizaram 9.197 votos. Já os 112 candidatos somaram 58.652 votos. Isso significa dizer que as mulheres fizeram apenas 13,55% dos votos válidos para vereador. Minha candidata, a professora Rejane Henn, foi a mulher mais votada desse pleito ao cargo de vereadora, mas foi pouco... Os 1.198 votos conquistados não foram suficientes. Assim como ela, outras tantas mulheres competentes colocaram-se como uma opção para mudar o cenário político da Câmara Municipal. Tudo poderia ter sido diferente, se as mulheres de Santa Cruz tivessem acordado!

Ana Maria Roballo Aranda/Professora da rede pública estadual



**Gazeta do Sul**

Propriedade da  
GAZETA DO SUL S.A.  
Fundada em 26/01/1945  
CNPJ 95.424.834/0001-30

Uma empresa filiada à



Rua Ramiro Barcelos, 1.206  
Caixa Postal 118 | CEP 96.810-900  
Fone: 3715-7800 | Fax: 3715-7863  
Fax/Redação: 3715 7944  
www.gazetadosul.com.br

direcao@gazetadosul.com.br  
redacao@gazetadosul.com.br  
publicidade@gazetadosul.com.br  
assinaturas@gazetadosul.com.br

ANDRÉ LUÍS JUNGLUT  
DIRETOR PRESIDENTE

ROMEU INACIO NEUMANN  
DIRETOR SECRETÁRIO

PAULO ROBERTO TREIB  
DIRETOR INDUSTRIAL

RAUL JOSÉ DREYER  
DIRETOR COMERCIAL

JONES ALEI DA SILVA  
DIRETOR ADMINISTRATIVO

MARIA ROSILANE ZOCH ROMERO  
CHEFE DE REDAÇÃO

Porto Alegre: Grupo de Diários, Rua Garibaldi 659, sala 102, Bairro Floresta CEP 90035050 - Fone/Fax: 3221 3290-e-mail: diarios@grupodediarios.com.br Site: www.grupodediarios.com.br

Vera Cruz: Rua Martim Francisco, 72 - Fone 3718-1312  
Candelária: Rua Gaspar Silveira Martins, 893 - Fone 3743-3662  
Venâncio Aires: Júlio de Castilhos, 785 - Fone 3741-2263  
Rio Pardo: Rua Andrade Neves, 918 - Fone 3731-1518

Gazeta do Sul não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados e não devolve originais, publicados ou não.

Artigos e cartas para este espaço devem conter nome completo, profissão e endereço do autor, além de telefone para contato (se possível). O envio pode ser feito por fax (3715 7944) ou pela internet (angela@gazetadosul.com.br). O simples envio não garante a publicação.